

JUVENTUDE

Jovens europeus com maior dificuldade para deixar a casa dos pais

Relatório ontem divulgado indica que 48% dos europeus com idades entre os 18 e os 29 anos não conseguem ser independentes. Um aumento que foi contrariado por Portugal

Samuel Silva

Estão perto dos 30 anos, mas ainda vivem com os pais. Há mais jovens europeus sem capacidade para garantir a independência e 48% ainda vivem com a família, aponta um relatório internacional divulgado nesta terça-feira. Em Portugal, esse valor chega aos 55%, mostra o mesmo documento, que coloca também o país entre aqueles em que há mais jovens a viverem em carência extrema.

Na maioria dos Estados-membros da União Europeia (UE), há mais jovens a viverem com os pais agora do que em 2007, ano a que se reportava a anterior publicação da European Foundation for the Improvement of Living and Working Conditions (Eurofound), que apresentou o estudo. Em cinco anos – os dados recolhidos dizem respeito a 2011 –, a percenta-

gem de jovens (18-29 anos) a viverem com os pais cresceu de uma média de 44% para 48%, nos 28 países.

Portugal está acima da média europeia e é um dos que apresentam valores mais altos (12.º). No entanto, os jovens portugueses pertencem a um grupo de 11 países em que se registou uma diminuição (59% para 55%), o que poderá estar relacionado com o aumento da emigração jovem. “É o que terá acontecido na Irlanda, que também foi afectada pela crise de forma particular, e pode ser parte da explicação” no caso português, afirma Anna Ludwinek, uma das autoras do estudo, em declarações ao PÚBLICO.

O sociólogo da Universidade de Coimbra Elísio Estanque frisa que a tendência já se notava há alguns anos e atribui responsabilidades a um conjunto de “pontas soltas que vão contribuir para o mesmo efeito”. Por um lado, os jovens têm dificuldade em encontrar uma saída profiss-



ADRIANO MIRANDA

**Portugal
é dos países
onde
os jovens
menos
confiam
nas outras
pessoas**

sional e há uma tendência para proterlar a autonomia, e, mesmo os que conseguem trabalho, têm empregos precários e com poucas garantias de futuro. A isto junta-se a dificuldade de acesso a crédito, que impede a compra de casa, mesmo para os que teriam condições para fazê-lo.

Por seu turno, uma investigadora da Universidade do Minho, especialista em questões de trabalho, Ana Paula Marques, relaciona estes resultados com outra tendência observada pelo mesmo relatório: um aumento do número de jovens expostos a situações de privação extrema. Vivendo em agregados familiares mais alargados, os jovens estão mais próximos de situações de desemprego, por exemplo. A especialista não tem dúvidas de que esta é uma realidade “decorrente do contexto da crise”.

Manter a casa quente, comprar carne ou peixe ou comprar roupas novas são luxos para quase 40% dos

jovens portugueses, segundo este relatório. Portugal é o quarto país da União Europeia onde a proporção de jovens que vivem em situações de carência extrema é mais alta, um valor bem acima da média europeia (22%). O indicador registou um crescimento de 17 pontos percentuais desde o último relatório. Em piores condições do que os jovens portugueses, só os de Hungria, Bulgária (50% passam por este tipo de dificuldades em ambos os países) e Chipre (40%).

De resto, é entre os países do Sul que estão os maiores aumentos de situações graves de privação. Mas o aumento é generalizado a praticamente todos os países, com crescimentos muito significativos na Suécia (de 1% para 6% dos jovens nesta situação) e na Holanda (de 3% para 8%), por exemplo, aponta Anna Ludwinek. “O aumento das situações de carência extrema é um dos resultados mais preocupantes”, sublinha.

O relatório publicado por esta agência da UE, criada em 1975, baseia-se em 45 mil entrevistas realizadas em 2011. Em Portugal, foram entrevistadas 1013 pessoas.

Os jovens portugueses são dos mais desconfiados em relação às instituições, em particular o Governo. A confiança interpessoal também baixou e o país é hoje o sétimo da Europa em que os jovens menos confiam nas pessoas. Outro indicador em queda é o optimismo quanto ao futuro, que desceu de perto de 60 pontos (em 100) para baixo dos 40. Pior, só outro país sob intervenção externa de uma *troika* de credores, a Grécia.

Para Anna Ludwinek, estes são dados que mostram que a Europa precisa de mudar o foco: “Não podemos centrar-nos no desemprego jovem, é preciso uma visão mais alargada, para levar em conta outros aspectos sociais com impacto na vida dos jovens”.